

“O frigorífico e o telemóvel”

“O presente é a chave do passado”

James Hutton

I

Rodeia-me o nevoeiro. À minha frente está um tabuleiro de xadrez com um jogo a meio, e duas mãos enrugadas de alguém a quem não consigo ver a cara.

- És tu. Vá joga...- diz-me uma voz feminina.

Sem me aperceber meto o telemóvel no meio do tabuleiro a fazer xeque.

- Não fazia ideia que existia essa peça.
  
- Desculpe, estou perdido em pensamentos...
  
- Que te preocupa?
  
- A minha liberdade.
  
- Há muitas formas de ser livre.
  
- Sim, é verdade. Mas invejo o seu tempo livre. Não ter de ir à escola, poder fazer o que quiser. Ser independente.
  
- Isto de ser independente não é como tu pensas. Pois eu invejo a tua liberdade. Podes vestir-te como gostas, dizer disparates, decidir o teu futuro... Há tantos caminhos que podes escolher, mas... Pensando melhor, será que é liberdade querer um emprego e não o conseguir, mesmo depois de um

curso? Será que é liberdade depender monetariamente dos pais, mesmo depois de atingirem a idade adulta? Será que é liberdade não ter capacidade para construir o próprio lar, para sentir um filho nos braços? Fraca liberdade... Triste realidade... Não gostaria de sentir tanta pressão sobre os ombros quando tinha a tua idade.

- Mas eu não tenho assim tantas escolhas...

Acordo com o bip irritante do telemóvel. Meia hora é mais que suficiente para me despachar. Posso dormir mais um pouco...

II

Estou a caminho de casa, carregada de compras. Doem-me as pernas... No meu tempo não vínhamos tão carregadas da mercearia. Muitas coisas eram feitas em casa. Estou a lembrar-me da manteiga.

Utilizávamos leite da casa fervido, que se deixava ferver para retirar a nata. Guardava-se a nata com o sal e quando já tinham uma porção razoável de dias, batia-se dentro de um recipiente para retirar o soro e o sal. Depois batia-se novamente com uma colher de pau até fazer creme. Nesses tempos, a tecnologia vinha da criatividade das nossas mãos. Hoje quase nem precisamos de cozinhar, há tantas lojas de pronto a comer...

Aqui ao lado, na escola, os pequenos brincam no recreio. Alegram-me as crianças e a sua energia.

Um bruto encontrão faz-me largar os sacos das compras, espalhando-as pela calçada. Olho para trás e vejo um jovem a correr. O cabelo era preto e comprido, preso por um elástico. Nem pediu desculpa! Mal-educado.

Os jovens hoje andam sempre na correria, parece que as horas do dia não lhes chegam. Dá impressão que vivem num mundo à parte, quando se põem com a música a entrar-lhes pelos ouvidos adentro. Quando chegarem à minha idade não vão ouvir nada!

Vão ali dois policiaes a correr... Será que vão atrás daquele delinquente?

III

Já só sobram quatro peças no tabuleiro.

- Chegaste atrasado.

- A senhora é que chegou mais cedo.

Notei que ele mexia nervoso no telefone.

- Porque não paras de mexer nisso?

- Estou a combinar uma coisa.

- Ainda hoje fico perplexa com a rapidez com que vocês mandam mensagens, fazem chamadas e jogam com esse “brinquedo”.

Lembro-me de querer falar com a minha mais chegada amiga e de lhe mandar um SMS? Não, não me lembro.

- Então como combinavam algo uns com os outros?

- Se quiséssemos falar com alguém não tínhamos outra hipótese senão fazermo-nos à estrada e ir ao encontro de quem procurávamos.

Hoje o mundo é pequeno, está ao alcance de um clique. Por isso é que gostava de aprender a mexer no telemóvel.

- Posso ensinar-lhe, aqui temos sempre tempo.

Ele deu-me o objecto para a mão, e vi que tinha um teclado, mas a disposição das teclas era diferente daquela a que eu estava habituada. Disse-me para

escrever o meu nome, eu carregava nas letras mas não acertava nas teclas certas. Sem querer carreguei numa tecla que fez desaparecer tudo, fiquei desmotivada.

- Tentamos depois... - desisti.

Pegou no telemóvel, pô-lo de novo como estava, e tentou dar-mo para a mão.

- Deixa estar.

- Podia ser-lhe muito útil no seu dia-a-dia.

Ele fez uma jogada que me deixou numa posição difícil, mas o meu cérebro estava focado noutra coisa:

- Mas o que estavas a combinar afinal? Não existe aqui nada nem ninguém...

Ele hesitou.

- Não vai gostar se disser. Eu também não gosto.

- De certeza que tens motivos para isso, podes contar-me.

- Se eu lhe contasse ia pensar o mesmo que todos os outros pensam.

O som do frigorífico avariado não me deixa continuar a ouvi-lo. Levanto-me e vou à cozinha, mais para matar a sede do que para dar a pancada do costume no aparelho.

- Raio do frigorífico, não se cala! O gelo e o sal não me acordavam à noite.

IV

Olho para as notícias expostas no quiosque do Largo de São João. Num jornal local as letras grandes anunciam um roubo que aconteceu de madrugada. Estou feito! Perco-me em pensamentos. Encontro um banco à sombra, resolvo deitar-me e olho para as nuvens, na esperança que isso me distraia.

Vejo uma senhora a aproximar-se e percebo que se quer sentar. Este é o único banco à sombra, por isso decido convidá-la a sentar-se. Ela hesita e, surpreendida, acaba por aceitar.

No meio do silêncio que se instala, dá-se uma breve e constrangedora troca de olhares. Não é a senhora com quem eu sonhei que estava a jogar xadrez?! Acendo um cigarro. A senhora comenta as notícias com o vendedor do quiosque:

- Eu conheço o proprietário da loja, coitado, tem tido uns azares...!

- Parece que a polícia não trabalha neste bairro...  
Noutros tempos a polícia estava por todo o lado.  
Nem os jornais escapavam ao lápis azul. Se  
queríamos saber das notícias internacionais  
teríamos de arriscar a vida, colando-nos às galenas  
às horas certas, porque a PIDE nos impedia de saber  
mais. Embora víssemos muitos amigos serem  
presos, não desistíamos.

Liberdade, sempre a liberdade... Sem querer dar  
muito ar de culpado, simplesmente aceno com a  
cabeça.

Após uns minutos, percebo que não estou aqui a  
fazer nada. É melhor ir embora.

V

- Ganhei-te outra vez!

Ela ri-se. Pudera, já me ganhou 14 jogos e eu só lhe ganhei 10.

- Já me podes contar o que estavas a combinar no outro dia?

- Prefiro não falar sobre isso.

- Mas gostava de saber um pouco mais sobre ti.

- Dizem que sou um delinquente, que fumo e que faço mal às pessoas. Só que ninguém sabe os meus motivos...

- Podes falar a vontade, não te vou julgar.

- ... Eu apenas o faço para ajudar a minha família!

- Fazes o quê?

- Roubo...

Sou interrompido por uma enorme brisa que atira as peças todas ao chão. Começo a ouvir o telemóvel a tocar, a tocar cada vez mais alto... Acordo sobressaltado.

Será que faz sentido as gerações andarem tão afastadas, na rua, no autocarro...? Sinto que precisamos de novas formas de convívio.

Devemos olhar para as pessoas não como novos e idosos, mas como pessoas, cada uma com o seu potencial para oferecer à sociedade.

VI

Encosto o passe à maquina. Preciso mesmo de me sentar... O único lugar vago tem dois pés em cima. Pertencem a um jovem que insiste em aparecer nos

meus sonhos todas as noites. Peço-lhe que me dê espaço e ele tira logo os pés do banco. Sento-me.

O autocarro pára. Vejo passar no corredor com muita dificuldade uma pessoa que carrega uma enorme mesa de xadrez de mármore. Perplexa, acompanho o movimento da mesa até a perder de vista e perceber que o rapaz ao meu lado também a olhava. Olhamos um para o outro. Desviamos o olhar para baixo, inibidos, mas acabamos por perceber que não vale a pena negá-lo. Levanto levemente o olhar e desatamos a rir.

Ele pede que me desvie para sair. Antes de me virar as costas pega no telemóvel, pousa a mão no meu ombro e diz:

- Mande arranjar o seu frigorífico porque hoje quero a desforra!